

Série Inventário

Jaraguá, GO

CX 0112 PTO 1 E02

PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE GOIÁS

ANA MARIA BORGES
LUIZ PALACIN



ANA MARIA BORGES
LUIZ PALACIN

PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE GOIÁS

2ª edição, revista.

Ministério da Cultura
Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Fundação Nacional de Memória
8ª Diretoria Regional
Brasília, 1987

Copyright © by Ana Maria Borges/Luiz Palacin
1ª edição 1982
J. Câmara S/A - Goiânia - GO

Capa: vista da IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (inacabada).
Natividade - GO

Borges, Ana Maria & Palacin, Luiz.
Patrimônio Histórico de Goiás. Brasília/SPHAN/próMemória/8ª Dire-
toria Regional, 1987.
124 p. il.

1. BENS CULTURAIS: Goiás (estado) I. Palacin, Luiz. II. Brasil. Secreta-
ria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. III. Fundação Nacional
próMemória. IV. Título.

CDU 719 (817.3)

Ficha preparada pela Biblioteca da Fundação Nacional próMemória.

Ministério da Cultura
SPHAN/próMemória - 8ª Diretoria Regional
SBN - Quadra 2 - Ed. Central Brasília, 3º andar - Brasília - DF.

INDICE

	Página
Uma explicação	1
O povoamento de Goiás	3
Vila Boa de Goiás	7
Crixás	23
Pilar de Goiás	25
Niquelândia/Trairas	31
Flores de Goiás	37
Posse	39
Cavalcante	41
Monte Alegre de Goiás	43
Arraias	45
Paraná	49
Conceição do Norte	51
Natividade	53
Almas	61
Dianópolis	63
Porto Nacional	67
Monte do Carmo	71
Pedro Afonso	75
Tocantinópolis	77
Jaraguá	79
Pirenópolis	81
Corumbá de Goiás	93
Luziânia	95
Mossâmedes	101
Anicuns	103
Silvânia	105
Morrinhos	109
Caldas Novas	113
Santa Cruz de Goiás	115
Catalão	117

UMA EXPLICAÇÃO

Dez mil quilômetros de sol e poeira nesta pesquisa.

Para quem desconhece o Nordeste goiano, tudo no Estado de Goiás é plano e pleno de conforto razoável.....

Boas camas, bons pratos como o arroz com pequi e outros oferecem imagem a mais saudável.....

Um rio de água quente acalenta ainda mais esta noção. O vasto cardápio ictiológico do Rio Araguaia e suas paisagens somam ideais de breve aposentadoria, com caníço, anzol, isca.....

Basta, apenas, percorrer alguns milhares de quilômetros de estradas vicinais para chegar-se à realidade que poucos tiveram oportunidade de apreciar.

As pensões do nordeste goiano jamais serão esquecidas por quem nelas se hospede.

Dos quartos vizinhos, sonoros roncros rompem a barreira das meias-parede, quando não, até mesmo o receio dos olhares, através das gretas nas tábuas mal encaixadas, faz do sono um pesadelo inesquecível, contribuição talvez da dieta carnívora a que somos obrigados fazer, antes nas paradas para deleite e descanso do corpo.

Os banhos, ah! . . . os banhos!

Na beira dos rios, concorremos com mutucas, mutucões, piuns, pólvora, muriçocas e outros viventes alados, ainda não catalogados nos compêndios da tropicalidade.

Opta-se, Num segundo caso, se se conseguir uma vigilante no lado de fora do banheiro, enquanto, de dentro, escora-se a porta com a ponta do dedo do pé!

Em cada trecho de estrada, em cada curva, há uma surpresa também inesquecível e próxima da amenidade do interior goiano.

E eis Conceição do Norte, tranquilo e pacato lugarejo, cidade quase vila, que nos faz desejar o abandono das grandes metrópoles, da poluição intoxicante e dos decibéis em alto grau. Chegamos fatigados, para levantar-lhe todo acervo. Conseguimos apenas, madrugada ainda, levantar acampamento, pois que, nosso historiador não tinha paramentos, nem hóstia, nem vinho para celebrar a missa solicitada pelos zelosos guardiões do templo.

Dal, raciocínio lógico, eramos considerados suspeitos como ladrões de santos. Onde já se viu padre que não reza missa?!

Uma pena, pois, ainda recente é a notícia de um roubo que deixou vazia a igreja local.

Até Paranã, não fosse a proteção, sem exceção, de todos os santos pesquisados e fotografados, teríamos caído de uma ponte. Colocando duas tábuas sobre os travessões à frente dos veículos, logramos a inclinação, conseguimos atravessá-la!

Na retaguarda, a população suspeitosa de Conceição do Norte. Adiante, algum alimento para saciar a fome, motivos ambos vencendo a jornada quase heróica.

Da fome nem o arroz com mandioca, marmita dos balseiros do Rio Palmas, conseguiu escapar!

No entanto, compensados fomos logo após, quando um leitão, atropelado pelo primeiro veículo, foi recolhido pelo pessoal do segundo, faltando-lhe, já na antiga Vila Boa de Goiás, tão somente a maçã na boca, quando o comemos, assado e tostadinho, num lauto banquetel!

Este livro é um registro.

Como tal, visa tornar perene o trabalho que executamos sob os auspícios da Sudeco — Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro Oeste, da SPHAN — Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e do Estado de Goiás.

Enfim, outro intuito não há senão o de gravar, para a memória, o hoje pequeno acervo do patrimônio histórico deste mediterrâneo Goiás.

Ana Maria Borges

O POVOAMENTO DE GOIÁS

Ao iniciar-se o século XIX, após setenta e cinco anos após o início do povoamento, a população de Goiás subia a sessenta mil habitantes — 1/6 da de Minas e 2% da do Brasil.

As duas primeiras décadas da mineração tinham fixado o mapa humano de Goiás para quase cem anos. Com a atividade frenética da mineração de ouro numa terra virgem, os aventureiros chegados nos anos iniciais, de ouro fácil e contínuos "descobertos", percorreram e vasculharam o território todo, fixando-se apenas nos lugares onde o garimpo se tornava fascinante pela extensão e abundância. Assim iam surgindo os arraiais trepidantes de vida e violência, a um ritmo de mais de um por ano: Sant'Ana e satélites — Barra, Ouro Fino, Ferreiro, etc. —, Santa Cruz, Meia Ponte, Traíras e São José, Crixás e Pilar, Cavalcante, Natividade, São Félix, Traíras, Pontal, Monte do Carmo.

Três zonas do atual território goiano emergiam com uma densidade contínua, ou descontínua, de arraiais que permitem falar de um povoamento: uma primeira zona no Centro-Sul, que desde Vila Boa se estendia até o limite oriental da Capitania, passando por Jaraguá, Meia Ponte, Corumbá, Santa Luzia, etapas todas da estrada do Rio de Janeiro. Ao Sul desta linha, o deserto no cerrado ou na mata: deserto total no Centro e Oeste — com a minúscula exceção do arraial de Pilões, na região do Rio Claro, no caminho de Cuiabá —, deserto menos fechado no Leste pela presença de dois arraiais — Bonfim e Santa Cruz — da estrada para São Paulo e a chegada dos primeiros criadores, que atravessaram o Paranaíba na extensão contínua da velha frente do São Francisco.

A segunda zona, uns duzentos quilômetros mais ao norte, também exibía uma continuidade no sentido Oeste-Leste: Crixás, Pilar, Traíras e São José, Muquém, Flores. E em sua parte central, conhecida na época como as "minas do Tocantins", oferecia a maior concentração de arraiais: Traíras e S. José, Cachoeira, Água Quente, Santa Rita, Muquém.

É verdade, contudo, que ao finalizar o século muitos destes arraiais se encontravam em total decadência, quase em transe de desaparecimento.

A terceira zona ficava constituída por uma série de arraiais desconexos, perdidos nos chapadões que se alargam entre o Tocantins e a Serra Geral no limite com a Bahia: Cavalcante, São Félix, Chapéu, Conceição, Traíras, Natividade, Carmo, Porto Real.

Ao Norte e Leste, a desolação: desertos, todo o vale do Araguaia e o vale do Tocantins ao Norte do Porto.

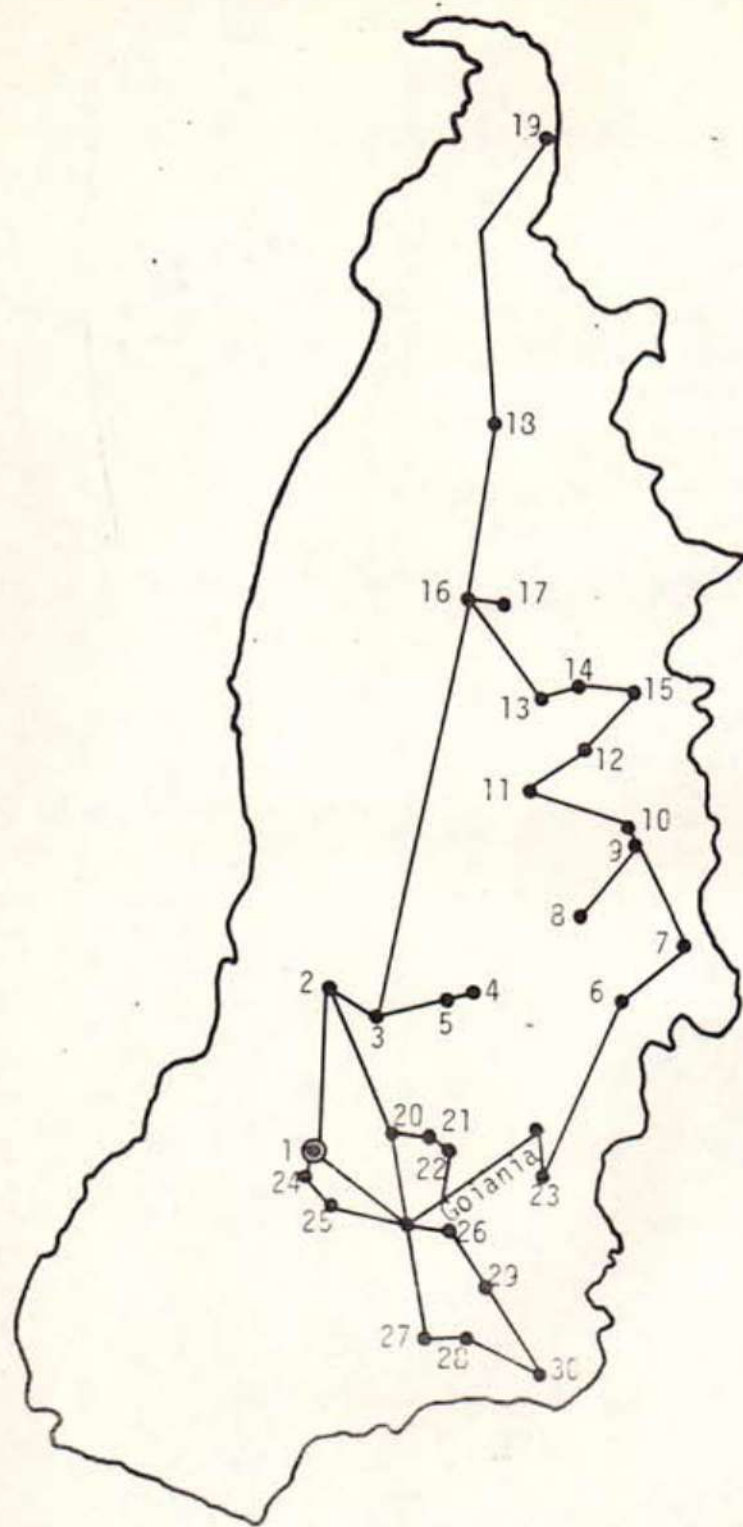
Os cinqüenta primeiros anos do século XIX não alteraram fundamentalmente este quadro topográfico do povoamento, mas o modificaram em três ou quatro pontos. No Sul, a imigração, que procede de além-Paranaíba, continua lenta mas constante. Assim, do Leste, na década de vinte surge Catalão, avança para o Centro — Morrinhos, 1845 — e para o Sudoeste onde as primeiras povoações — Rio Verde e Jataí — datam de meados do século.

No Centro, no limite com a Bahia, desde o começo do século há uma imigração de criadores provenientes da frente do São Francisco, que se estabelecem nos campos das terras altas das estribações da Serra Geral. Uma série de povoações marca esta penetração: Posse, Forte, Sítio D'Abadia.

No extremo Norte, a imigração de maranhenses dá lugar ao surgimento das primeiras povoações: Carolina e Boa Vista, nas margens do Tocantins. Um pouco mais tarde, depois da metade do século, a catequese e o comércio com o Pará, através do rio, nunca interrompido, farão surgir uma série de povoações que marcam as etapas da navegação: São João da Palma e Peixe, Porto Imperial — mais antigas — Piabanha, Pedro Afonso.

De todas as formas, se a passagem da mineração para a agricultura e a pecuária de subsistência não trouxe grandes mudanças com respeito à área de povoamento, significou uma mudança radical em sua forma. A mineração tinha implantado uma forma de habitação urbana. Sua extinção faz com que os núcleos urbanos se contraíam, muitos até desaparecem, ficando apenas o nome — São Félix, Pontal, Tesouras, etc. — e a população se capilariza por sítios e fazendas.

Luiz Palacin



Nº CIDADE KM DISTANTE DE GOIÂNIA

01 — VILA BOA DE GOIÁS 136

REGIÃO NORTE

- 02 — CRIXÁS 323
- 03 — PILAR DE GOIÁS 272
- 04 — NIQUELÂNDIA (SÃO JOSÉ DO TOCANTINS) 312
- 05 — TRAÍRAS 280
- 06 — FLORES DE GOIÁS 429
- 07 — POSSE 525
- 08 — CAVALCANTE 543
- 09 — MONTE ALEGRE DE GOIÁS (MORRO DO CHAPEU) 632
- 10 — ARRAIAS 650
- 11 — PARANÁ (SÃO JOÃO DA PALMA) 600
- 12 — CONCEIÇÃO DO NORTE 675
- 13 — NATIVIDADE 756
- 14 — ALMAS (SÃO MIGUEL E ALMAS) 909
- 15 — DIANÓPOLIS (SÃO JOSÉ DO DURO) 876
- 16 — PORTO NACIONAL 840
- 17 — MONTE DO CARMO 876
- 18 — PEDRO AFONSO 1.154
- 19 — TOCANTINÓPOLIS (BOA VISTA) 1.324

REGIÃO CENTRAL

- 20 — JARAGUÁ 133
- 21 — PIRENÓPOLIS (MEIA PONTE) 125
- 22 — CORUMBÁ DE GOIÁS 117
- 23 — LUZIÂNIA (SANTA LUZIA) 246

REGIÃO SUL

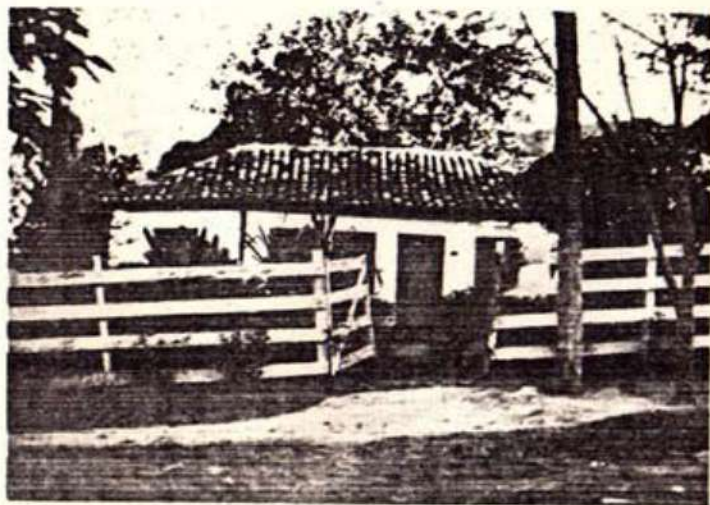
- 24 — MOSSÂMEDES 150
- 25 — ANICUNS 74
- 26 — SILVÂNIA (BONFIM) 81
- 27 — MORRINHOS 125
- 28 — CALDAS NOVAS 190
- 29 — SANTA CRUZ DE GOIÁS 137
- 30 — CATALÃO 320

JARAGUÁ

O descobrimento do Córrego de Jaraguá está ligado ao ciclo de ouro de Meia Ponte (Pirenópolis). Distante apenas oito léguas desse centro de mineração, um dos mais ativos nos primeiros tempos das minas, foi descoberto pouco depois por "negros faiscaidores". Silva e Souza indica 1737 como o ano de seu descobrimento.

Durante um século foi distrito do jugado de Meia Ponte e capela de sua paróquia, embora sua importância tivesse aumentado cada vez mais como fornecedor de produtos agrícolas para a própria Meia Ponte e para a Capital, e como um dos primeiros lugares a serem explorados no Mato Grosso Goiano.

Em 1824, segundo a descrição de Cunha Mattos, tinha 200 casas ordenadas em "duas formosas ruas e em outras que não conservam a mesma regularidade". A queda das pontes nos Rios Uru e Almas ameaçava-lhe o comércio, bem como a posição de Jaraguá como ponto de passagem entre a cidade de Goiás e Meia Ponte.



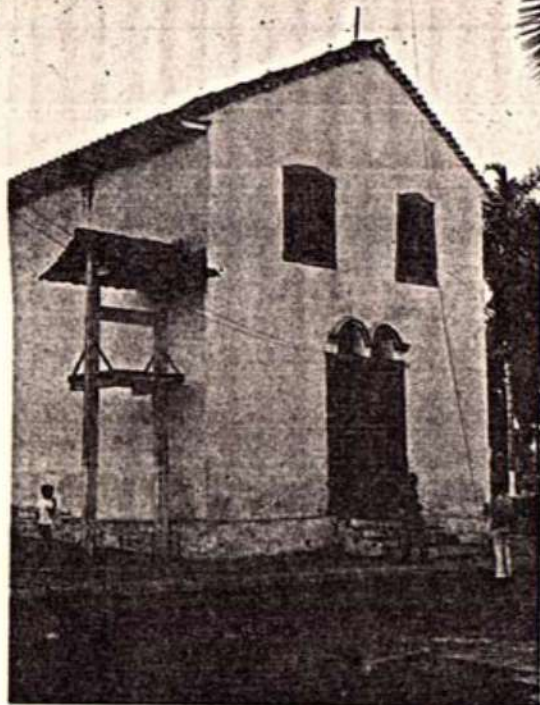
Vista de rua



SANTANA, com a Virgem.

De fato, o desenvolvimento de Jaraguá sempre esteve ligado à sua posição como ponto intermediário nas vias de comunicação.

Durante o século XIX cresceu lentamente: em 1864 foi elevada à paróquia, em 1882 a município e em 1895 à cidade; em 1898 foi constituída sede de comarca. Jaraguá foi uma das primeiras cidades a ter jornal próprio e uma das primeiras linhas de ônibus, inaugurada em 1919, ligando-a à cidade de Santa Rita do Paranaíba (Itumbiara) e ao Triân-



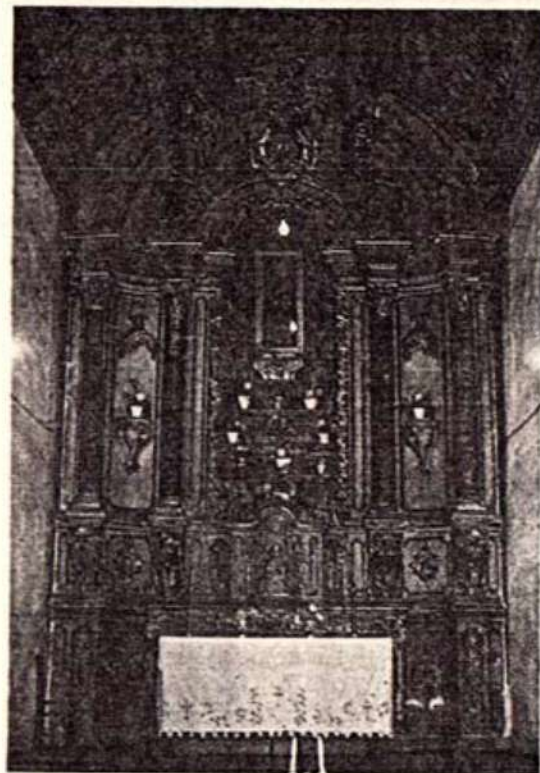
IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

gulo Mineiro. Em 1929 era aberta uma estrada entre Jaraguá e Niquelândia.

O maior passo, porém, na integração de Jaraguá, foi a construção, entre 1941 e 1944, da estrada da Colônia Agrícola Nacional, que mais tarde se tornaria parte da Belém—Brasília.

Situada neste importante eixo rodoviário, a cidade desenvolveu-se rapidamente sem tornar-se, contudo, um grande centro comercial, por ficar a meio caminho entre os poderosos pólos de Anápolis e Ceres.

Esta continuidade, sem saltos bruscos no desenvolvimento urbano, possibilitou a conservação de parte do patrimônio histórico. Das duas igrejas que Jaraguá tinha ao tempo da Colônia, conserva-se a igreja do Rosário, pois a matriz dedicada à Nossa Senhora da Penha, foi reconstruída e



Altar da IGREJA N. SENHORA DA CONCEIÇÃO.

totalmente modificada. Um pouco posterior é a igreja da Boa Morte, que necessita conservação.

Jaraguá possui ainda casas de grande valor histórico e artístico, como a casa da Sra. Joaquim Propício de Pina, com quase dois séculos de existência e decoração com pinturas no teto de suas salas. Há também duas ruas que oferecem um bom conjunto de casas de estilo colonial.

Caso não se tomem providências imediatas, é de se temer que essa riqueza se perca. Pode valer como aviso o destino do sobrado dos Félix. Essa casa, dos meados do século XVIII, onde se organizou a última bandeira oficial do Brasil por carta régia outorgada a Antônio Soares de Bulhões em 1756, foi comprada em 1973 pelo Banco do Brasil por Cr\$ 15 000 e derrubada para se construir um edifício moderno no local.